

PALATALIZAÇÃO DAS OCLUSIVAS CORONAIAS ANTERIORES /t/ E /d/ NO PORTUGUÊS DE CONTATO COM O ITALIANO EM SANTA CATARINA

Ani Carla MARCHESAN (Universidade Federal de Santa Catarina)
Patrícia Graciela da ROCHA (Universidade Federal de Santa Catarina)
Felício Wessling MARGOTTI (Universidade Federal de Santa Catarina)

ABSTRACT: *This study aims to analyse the palatalization of alveolar occlusives /t/ and /d/ before /i/ in the Portuguese spoken by portuguese-italian bilinguals in the rural areas of Santa Catarina state. Thus, we examine the expressions: tirar o couro, tio, dia and dinheiro, in speeches of 21 informers, collected from ALERS project.*

KEYWORDS: *palatalization; portuguese-italian bilinguals; rural areas; Santa Catarina state.*

0. Introdução

No presente trabalho, pretendemos fazer uma análise da palatalização das oclusivas coronais anteriores /t/ e /d/ seguidas de /i/ nas expressões *t*irar o couro, *t*io, *d*ia e *d*inheiro no português falado por bilíngües ítalo-brasileiros da área rural do estado de Santa Catarina. Para isso, tomam-se como base os estudos de Oliveira (1990), Vieira (1994), Brescancini (1996), Almeida (2001), Pagotto (2001) e Margotti (2004). A análise fundamenta-se na quantificação dos contextos em que ocorre a palatalização (contexto seguinte, sonoridade e tonicidade) e no mapeamento de dados (metodologia cartográfica).

O que motivou a opção por este estudo é a constatação de que hoje, em Santa Catarina, cerca de 30% da população é de origem italiana e a indicação de que, por influência da língua italiana, os ítalo-brasileiros resistem à palatalização das consoantes /t/ e /d/ diante de /i/, ao contrário do que se observa em outros contextos do português do Brasil.

Essa resistência à palatalização entre os ítalo-brasileiros relaciona-se com o fato de que, em italiano, a palatalização realiza-se diante de qualquer vogal e tem valor fonêmico, ao contrário do português, em que a palatalização diante de /i/ não é fonêmica. Como exemplo de oposição fonêmica encontrada no italiano cita-se: [‘tinto] que significa ‘tinto’ ou ‘tingido’ e [‘t̪into] que significa ‘cinto’.

Considerando, no entanto, que a referida palatalização está progressivamente se difundindo no PB, é objetivo deste trabalho verificar quais os fatores que favorecem ou desfavorecem a ocorrência da palatalização nas áreas bilíngües de português/italiano em Santa Catarina.

1. Constituição da amostra: projeto ALERS

O projeto ALERS (Atlas Lingüístico e Etnográfico da Região Sul), conduzido por três grupos sediados, respectivamente nas Universidades Federal do Paraná, Federal de Santa Catarina e Federal do Rio Grande do Sul, tem como objetivo ampliar o conhecimento da língua portuguesa do Brasil e carrear dados para uma teoria da variação lingüística no espaço, na forma da coleta, ordenação e tratamento cartográfico de variantes usadas na Região Sul.

Os dados do ALERS reproduzem, essencialmente, o português rural falado pelas classes menos escolarizadas, analfabetos ou semi-alfabetizados até a 4ª série, com idade entre 28 e 58 anos. A ênfase no rural, segundo Koch et al (2002:119), justifica-se pelo interesse dos autores originais pela fala mais conservadora que, justamente, possibilitaria um melhor espelhamento de áreas dialetais historicamente estabelecidas.

Além disso, devido à significativa presença de elementos provenientes do adstrato de imigrantes europeus e asiáticos, incorporou-se ao banco de dados a fala de informantes bilíngües, nos pontos onde justamente constituem a expressiva maioria dos falantes de português. Com isso, tem-se uma visão global que beneficia sobremaneira estudos mais específicos como os de aquisição de segunda língua e de bilingüismo e línguas em contato.

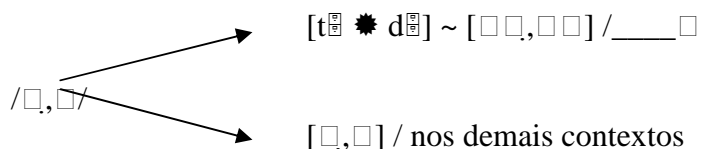
O ALERS permite visualizar arealizações para além dos limites políticos intra-estaduais, englobando Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Esse fato confere aos mapas lingüísticos uma visualização mais real e mais próxima da verdadeira amplitude do fenômeno enfocado e de sua representatividade geográfica no conjunto do português brasileiro.

Para esta pesquisa, foram selecionados dados de 21 localidades rurais do ALERS/SC, caracterizadas como pontos habitados predominantemente por descendentes de italianos.

2. A palatalização do /t/ e /d/ seguidos de /i/

A palatalização de /t/ e /d/ diante de /i/ é uma variação livre no PB. Esse fenômeno ocorre quando o corpo da língua está alto – diante de [i], no caso - o que provoca uma mudança no traço da consoante que vai de [+anterior] para [-anterior].

Almeida (2001:207) propõe, no quadro abaixo, uma regra para a representação da palatalização no português.



Como se vê no quadro acima, os fonemas /t, d/, em contexto precedente de /i/, manifestam-se como oclusivas africadas palatais ou palatalizadas $[t^{\text{pal}}, d^{\text{pal}}] \sim [t^{\text{pal}}, d^{\text{pal}}] / ____ i$ e oclusivas dentais nos demais contextos [t, d].

2.1. O que já se sabe sobre palatalização no PB do Sul.

Vários estudos variacionistas feitos no Brasil mostraram que palatalização de /t, d/ diante de /i/ é uma regra com ampla difusão.

Margotti (2004:182;188), ao estudar o português de contato com o italiano em comunidades colonizadas por descendentes de imigrantes italianos no sul do Brasil, explica que a realização das variantes $[t^{\text{pal}}, d^{\text{pal}}]$, africadas e alveopalatais, e das variantes $[t^{\text{pal}}, d^{\text{pal}}]$, africadas, alveolares, pré-palatais, diante de [i], representam uma pronúncia associada ao português, enquanto a realização das consoantes oclusivas [t, d], no mesmo contexto, representam uma pronúncia associada ao italiano.

Ainda de acordo com Margotti (2004:182), o falante bilíngüe ítalo/brasileiro não realiza a variação $[t] \sim [t^{\text{pal}}]$ e $[d] \sim [d^{\text{pal}}]$ quando fala em língua portuguesa “por entender, com base no italiano, que a representação mental não é a mesma para as respectivas variantes”, como vimos nos

exemplos acima. “Trata-se de uma regra fonológica do italiano que o falante ítalo/brasileiro aplica em sua fala de língua portuguesa”.

Brescancini (1996), ao estudar o português falado em Florianópolis, cujos habitantes são originalmente descendentes de imigrantes açorianos, afirma que os falantes expostos a contato externo, total ou parcial, são mais propícios à palatalização. Essa afirmação leva em conta que a não-palatalização é considerada uma das características do português de base açoriana em áreas do litoral catarinense, conforme se pode verificar nos mapas lingüísticos do ALERS (KOCH, 2002:102; 103; 107). Altenhofen (apud VANDRESEN, 2002:128) destaca que a ausência de palatalização de /t/, por exemplo em palavras como *mentira* e *tio*, é uma marca característica do português falado no sudeste de Santa Catarina.

Outros estudos sobre palatalização realizados com falantes do estado de Santa Catarina são os de Oliveira (1990) e Almeida (2001). Ambos mostram que a regra de palatalização é utilizada com maior frequência no contexto urbano, confirmando a tendência de palatalização no Brasil.

Pagotto (2001:383) que analisou, entre outros aspectos lingüísticos, o uso de /t, d/ na Ilha de Santa Catarina, verificou que há indicações sociolingüísticas favoráveis à inovação, isto é, “rumo à palatalização plena”.

3. Análise e discussão dos dados

A análise se baseia nos mapas gerados pelo Sistema de Processamento de Dados Geolingüísticos (VIEIRA, 1995), os quais representam o total de realizações das variáveis lexicais e os pontos geográficos onde ocorrem. RP significa que a resposta foi prejudicada.

No Mapa 1, observamos que a regra da não-palatalização predomina entre os indivíduos analisados, perfazendo um total de 71,43% das realizações. A palatalização ocorreu na fala dos informantes de seis pontos: Palmitos, Ponte Cerrada, Treze Tílias e Caçador, no oeste; e Bom Retiro e Orleans, no leste.

O Mapa 2, que se refere à expressão “*tirar o couro de uma rês*” apresenta, coincidentemente, o mesmo percentual de realizações não-palatalizadas do Mapa 1, ou seja, 71,43%. Porém, diferentemente do mapa 1, essa palavra foi palatalizada por somente dois pontos da região sul: Timbé do Sul e Criciúma. Aqui tivemos duas realizações que não foram contabilizadas (9,52%), que são: Palmitos e São José do Cedro, ambas do Oeste do estado.

Mapa 1: Realização de [t] em *tio*



Mapa 2: Realização de [t] em *tirar o couro*



Mapa 3: Realização de [d] em *dia*



Conforme se observa no Mapa 3, a não-palatalização de [d] no item *dia* foi quase unânime, com 95,24%, ou seja, de um total de 21 informantes, apenas 01 palatalizou. O único ponto em que a palavra *dia* foi palatalizada foi no ponto 438, referente a Treze Tílias, ponto onde também encontramos a realização de *tio* palatalizado.

Mapa 4: Realização de [d] em *dinheiro*



O Mapa 4, que mostra a palatalização de /d/ no item lexical *dinheiro*, apresenta também alto índice de não-palatalização, ou, mais precisamente, 85,71%. Novamente, apenas o informante de Treze Tílias não palatalizou.

Comparando os quatro mapas acima, observamos que o fenômeno da não-palatalização foi predominante, perfazendo um total de 80,95% contra 17,85% de realizações palatalizadas.

O índice mais elevado de palatalização (28,57%) ocorreu com /t/ na palavra *tio*, ou seja, num segmento tônico. O segundo maior índice de palatalização foi registrado na expressão *tirar o couro*, na qual [ti] é átono. Já nos itens *dia* e *dinheiro*, registraram-se os mais baixos índices de palatalização: 04,76% e 09,52% respectivamente.

A tendência favorável à maior palatalização da consoante /t/, que é surda, comparativamente à consoante /d/, que é sonora, também foi confirmada num estudo ampliado (a sair), com dados dos 80 pontos rurais do ALERS/SC, com os mesmos itens lexicais aqui analisados. Nesse estudo, verificamos que a variante surda mostrou-se mais favorável à realização da palatalização, com 58,125% das ocorrências, enquanto que a variante sonora mostrou-se menos favorável à palatalização, ou seja, o fator sonoro /d/ foi um forte inibidor desse contexto, com 68,125% das realizações não palatalizadas.

No presente estudo, a tonicidade não se mostrou relevante ao processo de palatalização, pois a porcentagem de não-palatalização no contexto tônico (*dia* e *tio*) e no contexto átono (*tirar o couro* e *dinheiro*) foi praticamente o mesmo: 83,33% e 84,61% das realizações, respectivamente.

Os dados analisados até agora nos permitem inferir que a língua italiana ainda interfere na realização das oclusivas coronais anteriores /t/ e /d/ no português falado pelos descendentes de italianos, pois a não-palatalização continua sendo predominante.

4. Considerações finais

Os dados deste estudo mostram que a não-palatalização de *t(i)* e *d(i)* é predominante em todos os itens lexicais analisados, não confirmando, portanto, a tendência nacional de aplicação geral da regra de palatalização, demonstrada em outros estudos do português do Sul do Brasil.

Um exemplo disso é o estudo feito por Bisol (1991), que utilizou dados dos anos 80, e concluiu que a regra da palatalização tem aplicação quase que categórica na região metropolitana (POA). Outra confirmação dessa tendência (de palatalização) são os resultados obtidos por Oliveira (1990) e Almeida (2001), os quais se referem, também, à fala urbana.

Na perspectiva diatópica, fica claro que há diferenças entre o português falado em áreas urbanas e o português falado nas áreas rurais. Essas diferenças, ao que parece, acentuam-se quando se compara a fala de diferentes grupos étnicos. No caso específico do presente estudo, confirma-se aquilo que já havia sido apontado, principalmente por Margotti (2004): os ítalo-brasileiros resistem à difusão da palatalização de /t/ e /d/, seguidos de /i/, por influência da língua italiana, uma vez que, nessa língua, a palatalização não tem variação livre, como em português.

Devemos considerar que nas zonas urbanas, devido ao maior contato com pessoas de outras regiões do país, ao maior índice de escolarização, entre muitos outros aspectos, certas tendências em direção à mudança lingüística têm maior fluxo e aceitação do que em contextos mais isolados e menos sujeitos a influências exógenas.

Cabe, finalmente, dizer que, devido ao número limitado de dados e de itens lexicais analisados, as afirmações que fizemos sobre o uso de /t/ e /d/, seguidos de /i/ no português falado pelos descendentes de italianos em áreas rurais de Santa Catarina, apenas mostram uma certa resistência à difusão da palatalização. Uma melhor compreensão do problema depende da ampliação da base de dados e da realização de outras abordagens.

RESUMO: Este estudo pretende analisar a palatalização das oclusivas coronais anteriores /t/ e /d/ antes de /i/ no português falado por bilíngües ítalo-brasileiros nas áreas rurais do estado de Santa Catarina. Para tanto, examinamos as expressões: tirar o couro, tio, dia e dinheiro nas entrevistas, retiradas do projeto ALERS, de 21 informantes.

PALAVRAS-CHAVE: palatalização; bilíngües ítalo-brasileiros; áreas rurais; estado de Santa Catarina.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, M. A.B. *A Variação das oclusivas dentais na comunidade bilíngüe de Flores da Cunha – uma análise quantitativa*. 2001. 105f.. Dissertação (Mestrado em Lingüística e Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- BISOL, L. The palatalization and its variable restriction. *International Journal of the Sociology of Language, Mounton de Gruyter*, Berlim, v. 89, p. 107-124, 1991.
- BRESCANCINI, C. R. *A palatalização da fricativa alveolar não-morfêmica em posição de coda no português falado em três regiões de influência açoriana do município de Florianópolis – uma abordagem não-linear*. 1996. 219f.. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- CAGLIARI, L. C. *Processos fonológicos do português brasileiro interpretados pela fonologia da Geometria dos Traços – Parte I*. 2ª ed. Revisada. Campinas: Edição do autor, 1998. 0p.
- CUNHA, C.; LINDELEY C. L. F. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. 748p.

- KOCH, W.; KLASSMANN, M. S.; ALTENHOFEN, C. V (orgs.). *ALERS: Atlas Lingüístico da Região Sul do Brasil (volume 1 - Introdução)*. Porto Alegre/Florianópolis/Curitiba: ed. UFGRS/UFSC/UFPR, 2002.0p.
- _____. *ALERS: Atlas Lingüístico da Região Sul do Brasil (volume 2 – Cartas Fonéticas e Cartas Morfossintáticas)*. Porto Alegre/Florianópolis/Curitiba: ed. UFGRS/UFSC/UFPR, 2002. 0p.
- MARCHESAN, A.; ROCHA, P. G.; MARGOTTI, F. *A palatalização das oclusivas coronais anteriores /t/ e /d/ no português falado na zona rural do estado de Santa Catarina*. (a sair).
- MARGOTTI, F. W. *Difusão sócio-geográfica do Português em contato com o italiano no sul do Brasil*. 2004. 314f. . Tese de Doutorado (Doutorado em Lingüística) – Instituto de Letras, Universidade Federal de Porto Alegre, Porto Alegre.
- OLIVEIRA, D. da H. *A palatalização das oclusivas dentais: variação e representação não-linear*. 1990. 292p.
- PAGOTTO, E. G. *Variação e identidade*. 2001. 311f.. Tese de Doutorado (Doutorado em Lingüística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- VANDRESEN, P. (org.). *Variação e mudança no português falado da região Sul*. Pelotas: EDUCAT, 2002.0p.
- VIEIRA, H. G. Aspectos a considerar na Elaboração de um Atlas Lingüístico. In: *Encontro do CELSUL*, 1995, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: UFSC, 1995. v.1, p.307-315.
- VIEIRA, H. G.; FURLAN, O. A.; MARGOTTI, F. W. *Língua Portuguesa falada no estado de Santa Catarina (Volume 9 – Discursos semi-dirigidos na área rural: pontos 401-596)*. Florianópolis: UFSC, 2004 (cópia impressa).
- VIEIRA, M. J. B. *Neutralização das vogais médias postônicas*. 1994, 0f.. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Lingüística) – Instituto de Letras, Universidade Federal de Porto Alegre, Porto Alegre.